

QUE HÁ DE NOVO EM EPILEPSIA?

A rápida expansão das Neurociências, durante a Década do Cérebro, também se repercutiu no campo da Epileptologia: progrediu-se no conhecimento dos processos genéticos, moleculares e celulares da epileptogénese, emergiram novos síndromos, surgiram outros dados sobre os já identificados. O desenvolvimento da neurofisiologia e da imagiologia possibilitou uma melhor identificação, funcional e/ou estrutural, dos focos epilépticos, incrementando as possibilidades de cirurgia da epilepsia, em cujo domínio surgiram novas técnicas para um tratamento mais eficaz desta doença.

Também se registaram importantes avanços farmacológicos com o advento, após largos anos de interregno, de novos medicamentos anticomíciais. Embora uma boa parte dos pacientes esteja insuficientemente controlada devido a um manuseamento clínico inadequado dos antiepilépticos convencionais, o qual urge padronizar, também é certo que estes últimos não têm um perfil farmacocinético e farmacodinâmico ideal. Daí a necessidade da procura de novos fármacos cujas características permitam um controlo mais eficaz das crises e possuam, além de menos efeitos deletérios, escassas interacções medicamentosas.

Esta busca torna-se ainda imprescindível devido à existência de doentes fármaco-resistentes, os quais não são candidatos ou não estão interessados em cirurgia da epilepsia, bem como de pacientes cujos ataques estão controlados mas são incapazes de tolerar os efeitos secundários dos anticomíciais *clássicos*.

Ao invés da antiga, a nova geração de antiepilépticos não foi descoberta fortuitamente; é fruto de uma pesquisa procurando influenciar os diferentes mecanismos responsáveis pela patogénese das crises. Como os vários tipos de epilepsias têm diferentes etiologias, diversos mecanismos fisiopatológicos, distintas expressões clínicas e electroencefalográficas é mais realista desenvolver drogas com mecanismos de acção conhecidos e ensaiá-las especificamente em determinadas formas da doença. Conquanto continue a ser indispensável o respeito pelas regras básicas do tratamento da epilepsia, com os novos anticomíciais ganha-se maior eficácia terapêutica, melhor controlo das crises, menos efeitos indesejáveis, todos contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos doentes epilépticos.

FRANCISCO PINTO